

METÁFORAS DA LUTA PELA TERRA: A MÍSTICA DO MST

METAPHORS OF THE STRUGGLE FOR LAND: MYSTICAL MST

João Rodrigues Pinto

Doutorando em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas (PUC)
Mestre em Teatro/Educação pela Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);
Graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Professor da Pontifícia Universidade de Minas Gerais (PUC)
Autor de 7 obras nas áreas de Literatura, história e didática
jrprofessorr@hotmail.com

RESUMO

O trabalho descreve as práticas e representações da Mística desenvolvida pelos estudantes do curso de Letras da Terra da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus X), em parceria com o Pronera e o MST. O objetivo é compreender a mística como o espaço simbólico em que várias vozes estão inscritas, marcando o movimento dos sujeitos, dos sentidos, enfim, dos discursos, levando em consideração, a presença de metáforas “para dar expressão adequada às necessidades crescentes de seu espírito” (CASSIER, 2003, p.103). Numa perspectiva dialética, busca demonstrar que o simbólico se faz presente em todas as esferas do agir coletivo do MST como ferramenta eficaz no aprofundamento do sentido dos seus objetivos. Trata-se de uma abordagem que busca entender a mística enquanto celebração memorialística permeada por uma intencionalidade consciente caracterizada como um processo que mobiliza, educa e politiza os sujeitos Sem Terra, como formas de melhor discernir sua identidade cultural e unidade ideológica.

Palavras-chave: Mística. Metáfora. Movimento sem terra

ABSTRACT

This article describes the practices and representations of Mystic developed by students of Languages of Word from University of Bahia (UNEB / Campus X), in partnership with Pronera and MST. The goal is to understand the mystical as a symbolic space where many voices are entered, marking the movement of the subjects, the senses, finally, the speeches,

considering the presence of metaphors "to give adequate expression to the growing needs of its spirit "(Cassier, 2003, p.103). In a dialectical perspective, seeks to demonstrate that the symbolic is present in all spheres of collective acting of MST as an effective tool in deepening the sense of its goals. It is an approach that seeks to understand the mystical as a mnemonic celebration permeated by a conscious intentionality characterized as a process that mobilizes, educates and politicizes the Landless subjects, as ways to discern better their cultural and ideological unity.

Key words: Mystical. Metaphor. Landless movement.

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo.

Michel Foucault

1 ENTRE A PALAVRA E O GESTO

A Mística praticada hoje pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra teve seu início dentro da Igreja Católica com a Teologia da Libertação na década de 1970/80, período de franca expansão das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e das pastorais e em especial a Comissão Pastoral da Terra (CPT), composta por padres e agentes religiosos, possuidores de uma profunda convicção cristã e marxista. Havia o costume de iniciar os encontros ou qualquer evento comunitário com uma dinâmica de motivação (mais tarde denominada "mística"). Era uma espécie de encenação de, no máximo 20 minutos, sobre a temática do dia, que mesclava textos, música e símbolos: elementos do cotidiano, com representação religiosa e cultural, expostos numa intenção comunicativa.

Com o surgimento do MST na década de 1980 (apoiado pela CPT), as motivações – batizadas de "místicas" – foram assumidas como forma de manter (e alimentar) o ideal do movimento: conquistar a terra e lutar contra as desigualdades sociais. A chamada "celebração da mística" parte de uma situação social que esteja, de algum modo, relacionada à história do movimento e das lutas sociais em defesa da liberdade, com destaque para a memória dos mártires e revolucionários que se dedicaram à causa ali exposta. Para os sem-terra, a mística tem a função de mover, inquietar e tocar o interior de cada um.

Desde o seu nascimento, o MST manteve a espiritualidade vinculada à formação política, aquela à qual formava o cristão militante. Desse modo, a prática definida como Mística, pode ser considerada como a fé e o devotamento em direção a uma causa, que pode preencher e unificar a todos em torno de uma mesma idéia: o compromisso coletivo de permanecer ou de caminhar em direção à terra prometida.

Os sem-terra entendem que é função da Mística rememorar os fatos marcantes como assassinatos de trabalhadores do campo, confrontos com a polícia e fazendeiros, caminhadas e protestos políticos, entre outros, expressados em mensagens e conteúdos simbólicos que fazem parte do cotidiano dos trabalhadores, tais como, as ferramentas de trabalho, os alimentos e a arte: música, poesia, desenhos, fotografias, teatro e demais artefatos discursivos.

Débora, uma das educadoras de uma escola do MST, discute o fenômeno da mística em seu trabalho de conclusão do curso de Letras. Afirma: “uma boa mística sempre carrega uma mensagem de ânimo, esperança, coragem e conhecimento, elementos importantes na formação política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra. O momento da apresentação da Mística é considerado imperdível, algo de grande importância, reverenciado com muito respeito e carinho” (2011).

No dizer da educadora, a mística deve revestir a palavra de símbolos, gestos e sons. São artefatos argumentativos que se afloram metaforicamente nas entranhas da mensagem libertária do MST, ou dito, de outro modo, é o discurso atravessado pela heterogeneidade, segundo a qual, sob o mesmo dizer do sujeito, muitas vozes são ditas, marcando o modo pelo qual outros lugares sociais foram ocupados e colocam-se em curso no momento da enunciação.

Nota-se na fala de alguns estudantes, certo esforço para afastar da mística o caráter acentuadamente cristão – fruto da sua essência -, entretanto, os rituais repletos de símbolos e gestos, reafirmam, indiretamente, os ecos do mundo religioso: a) cruzes: a via dolorosa de Jesus Cristo, a cruz como símbolo do martírio provocado pelas desigualdades sociais: “Ele, carregando a cruz, saiu da cidade, rumo ao lugar chamado Gólgota” (Jo, 19, 17); b) sangue: martírio, santificação, tombamento (os mártires religiosos deixaram exemplos de coletividade, justiça, respeito, bondade e, sobretudo, opção preferencial pelos pobres), o sangue restaurador: “Jesus entrou em agonia e rezava mais intensamente e seu suor tornou-se como densas gotas de sangue que caíam pelo chão” (Lc, 22, 44); “Este é o meu sangue, sangue que vai ser derramado por muitos” (Mc, 14, 24); pão: comida para todos, partilha (consagração do corpo de Jesus que é partilhado, multiplicação dos pães “Todos comeram e ficaram

satisfeitos” (Mc, 6, 42); d) terra (a terra prometida, símbolo da reforma agrária, coletividade, resistência, fuga da escravidão, liderança de Moisés); e) água: que verdadeiramente mata a sede, a água é vida, “bebereis e ficareis saciados”; f) Semente: parábola do semeador; g) luz: “vós sois a luz do mundo”; entre outros. São ritos que embora não sejam concebidos como sacralizados, são, de certo modo, cristalizados pelo evento místico apropriado pelo ator MST.

Durante a realização da mística, esses símbolos reconduzem a um significado que “é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante” (DURAND, 1988, p. 14). Desse modo, o sentimento que emana durante a mística do MST, transpõe a celebração do grupo em torno dos símbolos para a área predileta do simbolismo: o não sensível em todas as suas formas – inconsciente, metafísica, sobrenatural e supra-real. Essas coisas ausentes ou impossíveis de se perceber por definição acabarão sendo, de maneira privilegiada, os próprios assuntos da metafísica, da arte, da religião, da magia: causa primeira, fim último, finalidade sem fim, alma, espírito, deuses etc.

A mística se constitui em uma manifestação que, “não podendo figurar a infigurável transcendência”, elabora na imagem simbólica a “transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato” (DURAND, 1988, p. 15).

Observa Elsa Ponce (2002), que a essência espiritual religiosa se faz presente em, praticamente todas as manifestações do MST, nas quais o ecumenismo destaca-se, numa mescla de fé, luta e política (marcha, assembléias, protestos, congressos, etc.), que reúnem líderes religiosos de diversos cultos e seus fiéis em torno de celebrações onde a reivindicação da luta pela terra é entronizada junto a elementos que acompanham o cotidiano dos sem-terra. A eles se sucedem ações como a formação de cruzeiros com bandeiras, a realização de Vias Sacras, a cerimônia de Lava-pés, como a que ocorreu durante a quaresma na marca de 1997, ou mesmo o preenchimento do mapa do Brasil com as cruzeiros que simbolizam os mortos na luta pela terra.

A redundância dos gestos constitui a classe dos símbolos rituais: o muçulmano, que na hora da prece, se prostra em direção ao Oriente, o padre cristão que abençoa o pão e o vinho, o soldado que presta homenagem à bandeira, o dançarino, o ator que interpreta um combate ou uma cena de amor confere, como seus gestos, uma atitude significativa a seus corpos ou aos objetos que manipulam (DURAND, 1988, p. 17).

Entretanto, a memória dos mártires e heróis dessa luta é um elemento indispensável não apenas nas celebrações da mística, mas também nas caminhadas e nos diversos encontros do MST, como esclarece Sampaio:

As celebrações são sempre enquadradas pelos grandes retratos de lutadores do povo. Aqui explode o sincretismo da mística dos sem-terra: Marighela, o líder comunista guerrilheiro, figura ao lado de Paulo Freire, o revolucionário pedagogo católico; Rosa de Luxemburgo junto com Madre Cristina, freira católica; Florestan Fernandes, sofisticado intelectual marxista, vizinho ao Padre Josimo, cura do sertão, assassinado pelo jagunços do latifúndio; Karl Marx ao lado de Jesus Cristo. Quem se espanta com a mescla, na verdade, conhece muito pouco da mentalidade do povo brasileiro e nem parece também estar atento às verdadeiras dimensões do humanismo socialista (SAMPAIO, 2005).

É nesse “jeito” de lembrar e manter viva a memória na personificação e vivificação dos mártires que está presente a diversidade de modos de narrar, oriundos de diferentes vivências. Com base nas reflexões de Bakhtin (1997), na narrativa mística, pode-se notar a presença de várias vozes e dada à polifonia que estas vozes carregam, percebe-se a riqueza das práticas na construção de memórias, identidades e subjetividades dos sem-terra.

A educadora Débora explicou alguns procedimentos para o ato místico: “Qualquer reunião, pequena, grande ou enorme, começa sempre com uma celebração. Ela será rápida nas reuniões pequenas, demorada e complexa nas grandes. Os elementos dessas celebrações são sempre os mesmos: terra, água, fogo, espigas de milho, cartilha de estudante, enxada, flor. As palavras são poucas. Poéticas e convincentes resgatam os poetas populares e os grandes poetas brasileiros como Haroldo de Campos, Drummond de Andrade, Pedro Terra. O gestual é contido e significativo: o canto, o punho cerrado, indicando a indignação, a disposição de luta, a esperança. Canto puro dos trovadores populares, surgidos dos grotões do país, como Zé Pinto, Zé Cláudio, Marquinho, que se junta ao canto da mais fina flor dos artistas brasileiros: Chico Buarque, Tom Jobim, Caymmi, Milton Nascimento” (2011).

Grandes poetas podem falar conosco porque usam os modos de pensar que nós já possuímos. Usando a capacidade que todos compartilhamos, poetas podem iluminar a experiência, explorar as conseqüências de nossas crenças, desafiar a maneira que pensamos e criticar nossas ideologias. (LAKOFF; TURNER, 1989, p. 23)

Para Ademar Bogo (2009), a Mística é a representação do mistério. A palavra grega *mysterion* tem origem em *múien*, que quer dizer a busca de entender o que está escondido nas coisas. Para esse autor do MST, mistério não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Ao contrário, quanto mais se decifra, mais misterioso fica. “A ansiedade de buscar mais, no mundo da utopia é algo que nunca se esgota”, enfatiza o autor.

Assim, a Mística não se constitui apenas ao ato da consagração. O seu efeito na mente dos intérpretes/leitores ao que parece, tem a função de ser permanente, abastecendo de energia, coragem e ânimo os trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra. Há uma

pretensão implícita: que o efeito da Mística se prolongue em todos os atos cotidianos, norteando as atividades, em uma atitude sempre positiva, dando razões para a contínua luta pela posse da terra, educação e produção. Não é a toa que, para os militantes, a Mística é considerada “a alma do Movimento”. Talvez por ser também abstrata e universal, é, conforme Débora, “tão viva quanto a própria vida dos seus praticantes, como a história de todos que se doaram até a morte pela liberdade de querer verdadeiramente uma vida digna para a humanidade”.

2 A CELEBRAÇÃO DA MEMÓRIA

A título de ilustração, segue a narração de uma mística apresentada pelos educadores na Assembléia Popular, realizada em Brasília, no ano de 2005. A mística, tal como se apresenta, tem o intento de representar os povos excluídos da América Latina (trabalhadores rurais, indígenas e negros), lutando unidos contra as forças opressoras, em prol de sua emancipação.

Temática: A luta dos trabalhadores excluídos da América Latina

☞ Desenvolvimento:

- § Integrantes: militantes do MST (jovens, estudantes, adultos);
- § Situação inicial: um pequeno grupo simboliza os agricultores que cultivam a terra; outro, os indígenas que dançam; os membros de um quilombo trabalham. Os três grupos vestem a caráter e atuam em separado, desenvolvendo simultaneamente suas ações;
- § Música temática: a música – preferencialmente de temáticas sociais - retrata as peculiaridades da América;
- § Confronto inicial: Logo, chega um grupo com homens de ternos e gravata acompanhados de um grupo de jagunços (armados, simbolizando poder e proteção dos latifundiários). O bem vestido carrega um cartaz com os dizeres: ‘Bem vindos ao progresso’. Entra um homem esbelto, bem vestido, simbolizando o político, carrega na cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos (referência ao personagem Tio Sam). Atrás do político, em uma caravana, aparecem homens com becas, representando o aparato das leis;

- § Conflito: começa o confronto: 1) os jagunços violentam os índios; 2) um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos; 3) o conhecimento, representado pelo lápis, é usado contra os trabalhadores;
- § Reação: os três grupos, ao serem colocados juntos na escravidão passam a entrar em contato e ocorre a partilha entre eles (a consciência de classe);
- § Denúncia: Nesse momento, dados sobre a exclusão dos índios e negros e sobre a desigualdade social são enumerados;
- § Desfecho: os grupos, unidos, libertam-se, os opressores fogem. Todos dançam, espalhados pelo palco. Bonecos gigantes representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco. Os participantes dançam e surgem cuspidores de fogo, que, com roupas, nas cores verde e amarelo, fomentam a chama da luta. Os oprimidos colocam suas mãos na direção do fogo, para receber a energia revolucionária. Cria-se uma roda e todos os presentes na Assembléia são convidados a participar. A vitória dos oprimidos simboliza a vitória de todos e a platéia entra no palco, celebrando a conquista da liberdade. Os bonecos participam de eventos até o final do dia, alegrando as atividades políticas. O último momento é o mais importante: a entoação do hino nacional do MST e o hasteamento da bandeira: selo do pertencimento.

Considerando que a celebração da Mística é rica em figuras de sentido, apresentaremos um recorte para estudar a metáfora dentro das narrativas (repletas de poesia), que muitas vezes resulta das impressões sensíveis que o indivíduo possui tanto de atos subjetivos quanto sociais. Os sem-terra, mesmo os estudantes de Letras, ainda sofrem um processo de invisibilidade perante a sociedade. A esse respeito, Ademar Bogo (2009) explica que “[...] a mística é fundamental para a vida e para a luta. Sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta perdemos a vontade, combatividade, a criatividade e o amor pela causa”.

Notadamente, a Mística consegue “provocar” um profundo e contagiante “entusiasmo” nos seus leitores intérpretes. Entusiasmo é uma palavra grega que significa “ter os deuses aqui dentro”, no coração e na mente, o que ajuda a definir o efeito da Mística, dos signos decifrados através da admiração do belo, da atitude certa, e da lógica sentida com emoção e inteligência, que, de acordo com o leitor, diversificadas leituras são feitas.

Queremos mais felicidade / No céu deste olhar cor de anil
No verde esperança sem fogo / Bandeira que o povo assumiu.
Amarelo são os campos floridos / As faces agora rosadas
Se o branco da paz irradia / Vitória das mãos calejadas
(ZÉ PINTO/CD MST, 2000)

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra é um grupo politicamente expressivo e socialmente reconhecido como aglutinador de massas em todo o território nacional. No MST os agricultores externam seus anseios e demonstram a relutância em aceitar os rótulos que a sociedade lhes impinge.

A Educação, largamente celebrada pela Mística do MST é um elemento motivador em direção a um caminho possível para sair da invisibilidade. Os estudantes, por exemplo, através da formação acadêmica, defendem o direito ao conhecimento, como forma de ampliar a concepção de luta, como diz a canção “Pra soletrar a liberdade”, de Zé Pinto, interpretada por Lecy Brandão (CD MST – Arte em Movimento, 2001):

Alternativa pra empregar conhecimento
O movimento já mostrou para a nação
Desafiando dentro dos assentamentos
Reforma Agrária também na Educação

Assim, a poesia do MST, sempre exaltada nas místicas, pode ser entendida como um fenômeno artístico, no qual o sujeito criador é capaz de “transformar” o cotidiano numa linguagem poética. Conforme Goldstein (2003, p. 13), a própria origem da palavra arte “implica uma atividade transformadora realizada pelo homem. Esta atividade, por sua vez, traz sempre, direta ou indiretamente, certas marcas das condições concretas em que ela se efetua”.

Através de algumas letras das canções do MST, largamente utilizadas nas apresentações das místicas dos estudantes, foi possível identificarmos a presença de metáforas interessantes. De acordo com Jakobson:

aplicando-se à relação mensagem emitente, conclui que a poesia metafórica poderia ‘ser compreendida como uma espécie de poesia na qual a mensagem está intimamente ligada ao emitente’, e este se torna uma espécie de filtro em que todas as coisas se fundem através de sua própria personalidade. (apud LAFETÁ, 2003, p. 66)

Compreendemos que as letras musicais que ajudam a compor as místicas são uma forma de poesia oral que sofre influências do cotidiano dos indivíduos, possuindo uma ligação intrínseca entre o sujeito que a enuncia e o seu cotidiano.

3 AS METÁFORAS DO MST

Se a busca de um conceito de mística é repleto de desafios; o ato de conceituar “metáfora”, também não é tarefa fácil. Ora, desde Aristóteles até os dias atuais, o conceito de metáfora passou por muitas transformações e, não raramente, enquanto um tropo de linguagem, a metáfora se tornou algo intrínseco ao cotidiano dos indivíduos. Desse modo, buscamos neste estudo, problematizar o sentido mesmo de metáfora a partir da visão de alguns teóricos, tanto do campo da lingüística quanto da literatura, que se debruçaram sobre o tema.

Para Salvatore D’Onofrio (2003), é preciso distinguir a metáfora num sentido amplo, como onipresente princípio da linguagem, da metáfora num sentido estrito, como tropo ou figura de estilo. Para o autor, no sentido genérico, o metaforismo está presente na economia primitiva do sistema de referência do homem:

[...] a língua primitiva não conhece adjetivação (fusão universal com o particular) e o processo de atribuição é realizado pelo encadeamento mecânico do particular com o particular (subjetivação composta). Assim, por exemplo, em lugar de dizer ‘cão preto’ o primitivo diz ‘cão gralha’ (gralha= pássaro de cabeça preta). (D’ONOFRIO, 2003, p.38)

Afirma D’Onofrio (2003), que a metáfora pode ser compreendida tanto no sentido lato, quando fazemos uso de certo tipo de pensamento abstrato (comparativo) no dia-a-dia, ou num sentido estrito, quando a tomamos como uma figura de linguagem. O crítico literário atenta para o fato de que a metáfora encontra-se presente numa “linguagem primitiva”, isto é, a maneira como substantivamos os termos concretos e, principalmente, abstratos ocorre com base num substrato metafórico, pelo qual a observação das coisas na natureza sugere a palavra.

Nessa mesma linha de raciocínio, Ernest Cassirer diz que a criação da metáfora está condicionada à necessidade de expressão adequada do espírito humano, para ele, “o homem quisesse ou não, foi forçado a falar metaforicamente, e isto não porque não lhe fosse possível frear sua fantasia poética, mas antes porque devia esforçar-se ao máximo para dar expressão adequada às necessidades crescentes de seu espírito” (CASSIER, 2003, p.103)

A relação entre metáfora e cotidiano, é vista por Lakof e Johnson, como um processo intrinsecamente construído. Para eles, a metáfora é a linguagem influenciada pelo cotidiano dos indivíduos. São metáforas que resultam: “das memórias e das impressões sensíveis que tive e dos atos, tanto internos quanto externos que realizei.” (LAKOF; JOHNSON, 2002, p.310)

Sendo assim, tomam corpo os aspectos sociais e subjetivos da metáfora como um tropo de linguagem. Segundo Gomes (2009), pode-se dizer que a metáfora é o substrato da linguagem e, à proporção que vai se tornando uma “convenção social”, o substantivo passa a ser referente e liberta-se da aura conotativa que tinha em seu momento de criação.

A capacidade metafórica da linguagem humana é atestada, diacronicamente, pela existência de inúmeras metáforas de uso, das quais se perdeu o sentido de tropo e que compõem a linguagem comum: ‘cair em si’, ‘pressão de medo’, etc. Ainda no sentido genérico qualquer texto artístico pode ser considerado uma grande metáfora por seu sentido conotativo, por inventar personagens análogas aos seres reais, por atribuir semas humanos a animais ou a entes inanimados, pela ficcionalidade de seu universo do discurso. (D’ONOFRIO, 2003, p.39)

Algumas metáforas, na visão de Gomes (2009), costumam sofrer um certo “desgaste” pelo uso, sendo que elas, muitas vezes, encontram-se profundamente aderidas ao vocabulário dos indivíduos que acabam nem se dando conta de sua existência. No caso do MST, a letra do hino (composta por Ademar Bogo), entoado a cada final da mística ou em qualquer evento dos sem-terra, é o símbolo máximo da tradução do sentimento de pertença e significação da memória coletiva, como demonstram os trechos: “a sombra da nossa valentia”; “desfraldemos a nossa rebeldia”; “despertemos a Pátria adormecida”. São exemplos de metáforas que afirmam o ideal, exaltam a força, a coragem e o eterno convite à revolução, como no refrão: “vem lutemos, punhos erguidos / nossa força nos leva a edificar / nossa pátria livre e forte / construída pelo poder popular”. O refrão é o ponto alto e exige-se uma performance coletiva, ou seja, todos os presentes erguem o braço esquerdo e fazem o movimento, reafirmando a opção preferencial pela oposição (esquerda), pela revolução (poder popular) e pela liberdade (vem, lutemos...): um verdadeiro convite à reflexão, ou seria, à revolução?

A metáfora realiza-se quando se mistura a correspondência de duas cadeias de significantes cujos termos não são mais associados segundo o uso tradicional. Dessa violência nasce evidentemente uma informação muito forte, situada a igual distância do banal (ausência de informação pela redundância) e do absurdo (ausência de informação, pelo não-sentido). É essa medianidade entre banal e absurdo que possibilita a correção do desvio e o entendimento da metáfora. (BARTHES apud D’ONOFRIO, 2003, p.40)

Com base na definição de Barthes, podemos notar que ao se empregar os termos “valentia” e “rebeldia”, por exemplo, podemos considerar que ali se expõe um lado “agressivo” da metáfora, como se ela estivesse se impondo sobre a linguagem ou tentando fazer com que as frases e/ou palavras deixassem uma impressão marcante no leitor. Para

Gomes (2009), se formos analisar mais a fundo, quando nos utilizamos de metáforas é exatamente isto o que queremos: que o receptor preste atenção ao que estamos dizendo, isto é, empregamos palavras com um grau um pouco mais elevado de elaboração, o que exige do receptor mais atenção para compreender o que está sendo enunciado. É por isso que Barthes emprega a metáfora “impressões digitais na nossa alma” para explicar como a metáfora age sobre os receptores. Em outras palavras, a metáfora bem elaborada tem a tendência de atingir o imaginário dos receptores.

Por outro lado, Modesto Carone Neto (1974), apresenta várias facetas da linguagem metafórica, fazendo a junção desta figura de linguagem com sentido visual (na metáfora visual), com o processo de montagem cinematográfica (na montagem metafórica) e com o emprego de um sentido desconhecido em (a metáfora absoluta).

Segundo esse autor, a metáfora visual, consiste em: “sua especial aptidão para evocar, na mente do leitor, imagens semelhantes àquelas produzidas pelo sentido da visão” (CARONE NETO, 1974, p.70).

No trecho da música “Devoção à Amazônia” (ZÉ PINTO): “Ai de mim! Se a Amazônia dá um grito, nós gritamos juntos. E rezamos assim: Ave Santa árvore, Pai nosso e do palmital, pão nosso do santo fruto”, constatamos a presença da metáfora como montagem, ou seja, “uma síntese mental, em que pormenores isolados (fragmentos) se unem, num nível mais elevado do pensamento, através de uma maneira desusada, emocional, de raciocinar - diferente da forma lógica comum. ‘montagem é a idéia que nasce da colisão de duas tomadas independentes’... o fragmento, unidade material de que se vale a composição, e a produção de significados, chamado por Eisenstein de ‘terceiro termo’, circunstância que aproxima o processo da montagem do processo metafórico em cuja forma literal se observa a junção ‘alógica’ de elementos estranhos um ao outro para engendrar uma possibilidade semântica que não pode ser encontrada em nenhum dos termos da equação considerados isoladamente. (CARONE NETO, 1974, p.103-104).

Nesta perspectiva, entramos em contato com o aspecto crítico que faz parte da ideologia do MST, como exemplo o poema “Companheiros de Guevara”, de Ademar Bogo, em que se afirma o sentido da caminhada enquanto marcha revolucionária, espelhando-se em exemplos históricos, como o carisma de Ernesto Che Guevara, líder da revolução cubana:

Aí cantaremos segredos
e todos os medos serão alegrias,
veremos que o passo só cansa
quando não alcança sua rebeldia

e na sombra da liberdade
está a verdade que a gente queria
então ouviremos da História
grito de glória da nossa utopia.

De acordo com Carone Neto (1974), as palavras familiares introduzidas em contexto lógico-discursivo, remetem para significados e referentes que correspondem a expectativas ‘normais’. [...] Mas trata-se ainda de metáforas na medida em que o poeta, para evocar a presença desse ser desconhecido, recorre a um patrimônio verbal existente. [...] “Os signos aqui articulados são meras sinalizações de algo fundamentalmente diverso daquilo que habitualmente designam, essa ‘outra coisa’ é no caso da metáfora absoluta identificável à realidade evasiva do indizível”. (CARONE NETO, 1974, p. 93).

Partindo de uma análise que liga a metáfora ao cotidiano dos indivíduos envolvidos, voltamos nossos estudos para a teoria de metáfora dos lingüistas Lakoff e Johnson, que em *Metáforas da vida cotidiana* afirmam:

A função primeira da metáfora é dar uma compreensão parcial de um tipo de experiência em termos de um outro tipo de experiência. Isso pode envolver similaridades preexistentes isoladas, a criação de novas similaridades e assim por diante. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 254).

Nos versos dos poetas do MST, as palavras cantadas ou declamadas nas místicas, servem de “transporte ideológico”, por assim dizer, uma vez que é possível identificar o contexto de similaridades metafóricas com a vida cotidiana dos sem-terra, à medida que a metáfora surge a partir de algo existente no dia-a-dia da sociedade em geral. Segundo Orlandi (2003), usamos palavras que já têm sentido e que guardam a inscrição histórica dos sentidos.

Tomando como base o poema “Companheiros de Guevara” – interpretado pela mística, retomamos a definição de metáfora visual, que toma duas imagens independentes no caso “marcha” (que personifica caminhada dos sem-terra em direção ao processo de ocupação) e “marcha” (que personifica a revolução e a luta pela implantação do socialismo), que criam/sugerem uma realidade distinta. Podemos, nessa linha de pensamento, definir a mística como o resultado de uma operação dialética do pensamento, em que dois sentidos opostos se unem para formar um terceiro sentido.

As metáforas identificadas nas narrativas do MST, demonstram que a Mística pode ser entendida, também, como uma categoria poética oral, que vale-se também de um jogo com a palavra e o sentido.

Na compreensão de Gomes (2009), este trabalho com a linguagem, característico da “função poética” desdobra-se em duas funções que a metáfora ocupa nas respectivas narrativas. A primeira é a de “amenizar” o estilo naturalista formado por uma descrição crua e ácida da realidade. A metáfora, nesse sentido, neutraliza o caráter denotativo da palavra e opera numa esfera de significação que se liga à realidade sem ser referencial. Daí advém a “amenização”. Outra função pode ser observada com relação ao efeito que pode causar no ouvinte o “estranhamento”. Nesse sentido, a linguagem metafórica diferencia-se da linguagem ordinária, apesar de explorar ambientes e situações próximas do cotidiano do sujeito ouvinte. Logo o estranhamento decorre do fato de o cotidiano ser apresentado nas letras, símbolos, imagens, por outras palavras, ou melhor, pela junção de palavras que possibilitam um modo diferenciado de falar sobre as coisas do mundo. Há, com isso, um impacto sobre o ouvinte, pois não sendo linguagem ordinária, a linguagem metafórica do rap chama atenção para os sentidos da letra e para as várias possibilidades de representação do mundo no universo da linguagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados acima levantados indicam que a Mística desenvolvida pelos estudantes do Curso de Letras da Terra (UNEB/Pronera/MST) marca um lugar discursivo de resistência dos sentidos sobre a luta pela terra no país, inscrevendo e atualizando as redes da memória já ditas em outros contextos sociais e, para tal, entrelaça diversas vozes.

Entretanto, podemos notar que a análise da categoria mística é dificultosa, dada a diversidade de sentidos atribuída ao evento. De acordo com Almeida (2005), isto se dá em decorrência de alguns fatores: 1) A mística não é universal, são fenômenos particulares, lingüísticos, inseridos em um determinado contexto histórico-religioso, assim não existe mística, mas sim místicas; 2) É muito difícil para alguém contemporâneo (inserido na academia) abordar o tema da mística porque a rigor não acredita na mística; 3) os sujeitos que a praticam afirmam que é algo que não se explica, a única forma de saber o que ela é realmente é sentindo-a, vivendo-a. Para Ademar Bogo (2002, p. 20), “esta força inexplicável que há dentro do coração de cada lutador ou lutadora não é para ser explicada com palavras, mas vivida, sentida e transformada em rebeldia, para derrotar os poderosos e libertar a vida de todas as amarras e torturas.”

Nesse sentido, parafraseando Márcia Romão e Soraya Pacífico (2007), podemos considerar que a mística marca um lugar discursivo de resistência dos sentidos sobre a luta pela terra no país, inscrevendo e atualizando as redes da memória já ditas em outros contextos sociais e, para tal, entrelaça diversas vozes. Instala, assim, um modo de produção, constituição e circulação dos sentidos sobre o político, qual seja, faz falar, na voz do movimento, a voz de diversos outros sujeitos de outros movimentos, de sentidos em movimento, em discurso, em curso como o rio que arrasta em seu bojo caudaloso o nascer de todas as fontes, o rastro de todos os trechos percorridos e a força da mistura de várias terras, pedras e águas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio Alves de. A mística na luta pela terra. Artigo. *Revista NERA Presidente Prudente*, Ano 8, n. 7 pp. 22-34 Jul./Dez. 2005
- ALVES, Rubem. *O que é Religião?* São Paulo: Loyola, 1999.
- BOGO, Ademar. *O vigor da Mística*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- BOSI, Alfredo (Org). *Leitura de Poesia*. São Paulo: Ática, 2003.
- CARONE NETTO, Modesto. *Metáfora e Montagem*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- D'ONOFRIO; Salvatore. *Teoria do Texto 2*. São Paulo: Ática, 2003.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*; tradução Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *A imaginação simbólica*; tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- EISENSTEIN, Serguéi. O princípio cinematográfico e o ideograma. In: CAMPOS, Haroldo de (org.). *Ideograma. Lógica. Poesia. Linguagem*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 149-166.
- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons, Ritmos*. São Paulo. Série Princípios. Editora Ática, 2003.
- GOMES, Ana Paula. *A metáfora da vida real: um estudo de letras de rap em Londrina*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 95-106.
- JAKOBSON, Roman. *Lingüística, poética e comunicação*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LAFETÁ, João Luiz. *A Representação do Sujeito Lírico na Paulicéia Desvairada*. In: LINDOLFO FILHO, João. *Hip Hopper: Tribos Urbanas, Metrôpoles e Controle Social*.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila M. Silva (org). In: *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004.

PIMENTEL, Spensy. *O Livro Vermelho do Hip Hop*. S/d. Disponível em: www.realhiphop.com.br. Acesso em 18 de novembro de 2004.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. *A biblioteca na página eletrônica do MST: heterogeneidade e memória*. Artigo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo (Graduação e Pós-Graduação). INFORMACIÓN, CULTURA Y SOCIEDAD. No. 17 (2007) 39-50.

SAMPAIO, Plínio de Arruda. *A mística*. Disponível em: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive05.phtml>. Acesso em: 05/09/2011.

SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2005.

ZENI, Bruno. *O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*. Disponível em: www.scielo.br Acesso em 20 de Fevereiro de 2005.